

O Dia em que Caio bateu no delegado

Sérgio Capparelli

O homem era da Polícia Federal e tinha entrado havia pouco no Centro de arte Dramática. Queria ser ator.

Pois é, ator.

Eu também queria ser ator.

Acontece que eu tinha chegado do interior de Minas Gerais e ainda estava perplexo com a escola de teatro. Me dava conta que ninguém, ali, era da tradicional família mineira.

Choque cultural, diria mais tarde. Pois bem, havia aparecido aquele cara do Rio de Janeiro, como quem não quer nada, puxando os "s", com seu terno e gravata.

Ali, no CAD, acredita?

Não me lembro mais do nome dele, nem vem ao caso. Uma hora, contava vantagens, dizendo que era delegado no Rio e que tinha matado muito bandido nos morros. Outra hora, dizia que nos morros tinha matado muito bandido. E que era delegado federal...

Entrou no primeiro ano, - sem vestibular, - e eu estava intrigado em saber se ele colocaria malha para os exercícios de esgrima.

Porque naquela época tinha esgrima no CAD e o cara despejava a cantilena dos perigos dos morros do Rio.

Touché!

Era o mês de setembro de 1967, se me lembro bem. Havia muita movimentação política. E a gente ali, sestroso. Um dia ele deu a entender que tinha caído numa crise depressiva e o psiquiatra o tinha aconselhado a deixar os morros e se exilar num lugar mais tranqüilo, para se ocupar emocionalmente.

Acontece que ele encontrou o Caio pela frente. Sim, ele mesmo. Assistia às aulas do professor Gerd Bornheim junto com a Magliani. Chegavam cedo e ficavam por ali, conversando, trocando idéias, essas coisas... Irene Brietzke, Luiz Arthur Nunes, Graça Nunes, Cecília Niesemlat, Ida Celina, todos juntos. Tudo tranqüilo até a última aula da noite.

Acho que eu estava às voltas com a iluminação de "Dona Rosita, a solteira", de Garcia Lorca. Ou ensaiava "Que Delícia de Guerra", de Thorton Wilder. Thorton Wilder? Não sei bem. Passava pelo corredor quando ouvi o estalo. Plaf! Esses estalos inconfundíveis que carregam o ambiente de eletricidade e todo mundo espera pelo trovão. Alguns tapando o ouvido, claro. Entrei na saleta e compreendi de imediato. Caio Fernando Abreu, franzino, de pé, com o braço ainda estendido, e o delegado, de rosto incendiado, levando a mão dentro do paletó para pegar o revólver.

- Mas ele xingou a Magliani, racista!

O CAD, nesta época, já tinha saído da Rua Venâncio Aires, perto do Colégio Militar, e se transferido para o início da Salgado Filho. O prédio ainda estava em reformas. E naquela noite havia mais gente do que o usual por causa da aula do professor Gerd. Mas ninguém esperava por aquele tapa. E não sabiam o que fazer com ele. Ou depois dele.

Os alunos cercaram o delegado para dissuadí-lo de alguma loucura. Outros afastaram o Caio e a Magliani. O tempo continuava se fechando. O delegado passou mais uma vez a mão pelo rosto e deve ter se lembrado que tinha vindo de longe, para fazer amigos, interpretar Ibsen e Shakespeare e então voltar aos morros do Rio.

Naquela noite a aula terminou mais tarde no CAD. O delegado estava cada vez mais isolado mas prometia vingança. Alguém sugeriu que fossem chamados brigadianos para acalmar a situação. De fato, alguém deixou o CAD em busca de proteção. Qual nada! Quando os brigadianos se aproximaram, o delegado mostrou seu documento da polícia federal e ordenou que arrombassem o CAD, se fosse preciso, para prender o Caio. Só não aconteceu a invasão porque o professor Gerd foi até a rua conversar com seu aluno delegado e os brigadianos. Depois de algum tempo, o delegado aceitou as ponderações e foi embora. Os estudantes foram saindo, temerosos, mas nada aconteceu. Uma semana depois, Caio voltou ao CAD. Quando saía de casa foi seqüestrado por três policiais - entre eles o delegado-ator - e espancado num beco da Cidade Baixa. ■